

La Comédiathèque



Roleta russa no Kremlin

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

O texto desta peça está disponível para download gratuito.
No entanto, os direitos de representação, que constituem uma justa remuneração pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal.
Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é obrigatório solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.
Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>
<http://comediatheque.net/formulario-de-contato-2/>

Roleta russa no Kremlin

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Perante a ameaça de uma invasão russa da Poldávia, quem ocupa a presidência francesa desloca-se ao Kremlin para tentar negociar uma desescalada. Espera também que um sucesso diplomático lhe permita ganhar vantagem na corrida à reeleição.

Mas a reunião à porta fechada com quem ocupa a presidência russa transforma-se rapidamente num duelo de poder em que se misturam chantagens, provocações, ameaças nucleares e jogadas de bluff. À medida que a situação foge ao controlo, já ninguém sabe muito bem onde acaba o jogo e onde começa a realidade.

Uma comédia política de humor negro sobre o poder, a democracia e a guerra, em que o destino do mundo acaba por se jogar numa perigosa partida de póquer... ou de roleta russa.

Elenco

Presidência da Rússia: Boris ou Katia

Presidência de França: Manuel ou Marianne

2 intérpretes.

Nesta versão, as personagens chamam-se Boris e Manuel. Ambos os papéis podem igualmente ser interpretados por mulheres, substituindo simplesmente os nomes por Katia e Marianne, sem necessidade de modificar os diálogos.

© La Comédiathèque

Ouvem-se os Coros do Exército Vermelho. A luz vai subindo pouco a pouco. Distingue-se uma mesa com uma cadeira em cada extremidade. Na parede ao fundo, uma bandeira russa à esquerda, vista da plateia, e uma bandeira francesa à direita. Boris, imóvel e de expressão impassível, ocupa uma das extremidades da mesa, do lado da bandeira russa. Sobre a mesa está um grande telefone vermelho, de modelo antigo. O telefone toca. Boris atende.

Boris – Da... Da... Da... *(Desliga e fica um instante a pensar antes de repetir mais depressa.)* Da, da, da... *(Ouve-se então uma canção dos The Police. Boris levanta-se e esboça alguns passos de dança enquanto cantarola.)* De doo doo doo... De da da da... Is all I want to say to you...

De repente, recupera a seriedade e ajeita a gravata. Aproxima-se de um móvel, tira uma garrafa de vodka e um copo. Enche o copo e bebe-o de um trago. Guarda a garrafa e o copo. Volta a sentar-se e fica novamente imóvel, como uma estátua.

Ouvem-se os primeiros compassos de A Marselhesa, entre fortes crepitações, até que a música se interrompe bruscamente, como se o disco tivesse ficado preso.

Manuel entra com um sorriso tenso. Traz um pequeno embrulho na mão.

Manuel – Bom dia, Boris.

Boris levanta-se para cumprimentar.

Boris – Bom dia, Manuel. Fizeste boa viagem?

Manuel – Excelente. E tu, como estás?

Boris aperta-lhe a mão com um sorriso glacial.

Boris – Senta-te, por favor.

Manuel – Claro.

Manuel senta-se com cautela. Boris também.

Boris – Pedi que ninguém nos incomodasse. Também não vamos precisar de intérprete.

Manuel – Para que havíamos de precisar de intérprete? O teu francês é absolutamente perfeito. Aliás, nunca me disseste onde aprendeste a falar tão bem a nossa língua...

Boris – Em Paris.

Manuel – Estudaste em Paris?

Boris – Trabalhava na embaixada.

Manuel – Ou seja, eras diplomata...

Boris – Mais propriamente, agente dos serviços secretos.

Manuel *(a brincar)* – Por outras palavras, fazias espionagem... *(Boris nem sequer esboça um sorriso e Manuel recupera a seriedade.)* Está bem... Sem intérprete...

Boris – Não haverá testemunhas do nosso encontro. Nada do que dissermos aqui sairá desta sala.

Manuel – Perfeito. *(Olha à sua volta.)* E imagino que esta conversa também não será gravada...

Boris olha para o embrulho que Manuel tem na mão.

Boris – Queres pousar isso em algum lado?

Manuel – Ah, sim, quase me esquecia... É uma pequena prenda para ti...

Entrega o embrulho a Boris.

Boris – O que é? Uma encomenda-bomba?

Manuel – Quase... É a coleção completa dos filmes daquele ator francês de quem gostas tanto... Bem, quero dizer... que tanto te admira.

Boris *(pegando no embrulho)* – Que gentileza.

Manuel aponta para um cartão que acompanha o embrulho.

Manuel – Até te escreveu uma pequena dedicatória.

Boris *(lendo a dedicatória)* – Para Boris, do teu amigo Gérard...

Manuel – Sim, foi exatamente o que eu pensei... Que imaginação têm estes atores...!

Boris pousa o embrulho sobre a mesa.

Boris – Muito bem. Agradece ao Gérard da minha parte. Não sei se vou ter tempo para ver os filmes dele agora, mas enfim...

Manuel – Podes vê-los na tua cela, quando o Tribunal Penal Internacional te condenar a prisão perpétua por crimes contra a humanidade... *(Boris lança-lhe um olhar assassino.)* Estou a brincar...

Boris – Porque não me dizes antes qual é a verdadeira razão da tua vinda a Moscovo?

Manuel recupera a seriedade e adota um tom solene.

Manuel – Como sabes, Boris, a Europa está muito preocupada com as atuais tensões na fronteira entre a Rússia e a Poldávia. Estou aqui para encontrar contigo as bases de um acordo que permita iniciar uma desescalada.

Boris – A sério...?

Manuel – A Rússia concentrou um grande número de tropas na fronteira com a Poldávia. É natural que estejamos preocupados...

Boris – Não passam de manobras militares previstas há muito tempo.

Manuel – A Rússia exerce há anos uma forte influência sobre a parte oriental da Poldávia. Será coincidência que essas manobras estejam precisamente a decorrer às portas dessa região russófona que reivindica a independência, para não dizer a integração na Rússia?

Boris – Se tivéssemos intenção de invadir a Poldávia, já o teríamos feito há muito tempo. Mas pretendemos garantir que a Poldávia nunca venha a constituir uma ameaça para o nosso país, tornando-se uma cabeça de ponte do exército norte-americano na Europa de Leste.

Manuel – Um Estado soberano tem o direito de escolher as suas próprias alianças.

Boris – Devias ter dito isso a Kennedy durante a crise dos mísseis de Cuba. Castro não tinha também o direito de escolher as suas alianças?

Manuel – Isso foi há muito tempo, antes de eu nascer.

Boris – Eu também ainda não tinha nascido.

Manuel – O mundo mudou, Boris.

Boris – Acreditas mesmo nisso, Manuel?

Manuel – A União Soviética já não existe... e a construção europeia continua.

Boris – A Rússia é eterna, e a Europa é um gigante com pés de barro. O Reino Unido decidiu sair.

Manuel – Mas a Poldávia quer entrar.

Boris – Não me oponho. Desde que não entre também na NATO. A Rússia não pode tolerar a presença de mísseis nucleares norte-americanos mesmo junto à sua fronteira. A quinhentos quilómetros de Moscovo.

Manuel – Não creio que os Estados Unidos tenham intenção de instalar mísseis na fronteira russa.

Boris – Não acreditas... mas podes garantir isso?

Manuel – Só posso falar em nome da Europa, é verdade.

Boris – Por isso volto a fazer-te a pergunta: qual é a verdadeira razão da tua vinda ao Kremlin?

Manuel parece hesitar.

Manuel – Está bem, confesso... Para além de tentar evitar uma guerra mundial, também vim a Moscovo para reforçar um pouco a minha imagem de estadista a nível internacional...

Boris – Sim, já desconfiava. Já recebi aqui os principais candidatos que concorrem contra ti às eleições presidenciais.

Manuel – Portanto, como sabes, as eleições aproximam-se. E em França não é assim tão fácil ganhar umas eleições, e muito menos conseguir a reeleição.

Boris – Estou a ver...

Manuel – É que, para começar, no nosso país... há vários candidatos.

Boris – Esse é o problema da democracia.

Manuel – O pior dos sistemas, à exceção de todos os outros, como dizia Churchill.

Boris – E o que esperas exatamente de mim?

Manuel – Bem... um gesto de distensão na crise com a Poldávia, por exemplo. Um primeiro passo para a desescalada de que eu pudesse ficar com os louros, pelo menos até passarem as eleições.

Boris – Não retirarei as minhas tropas enquanto os norte-americanos não se comprometerem a desmilitarizar a zona. Estou-me nas tintas para a Europa. Portanto, para a França, imagina...

Manuel – Não te estou a pedir que retires as tropas, Boris! Estou a falar de um gesto simbólico. Sei lá... Uma conferência de imprensa conjunta logo depois da nossa reunião, em que disseses que continuas disponível para negociar. Esse tipo de tretas... Não te compromete a nada.

Boris – E o que é que eu ganho com isso?

Manuel – A minha eterna gratidão... pelo menos até ao fim do meu próximo mandato. *(Boris lança-lhe um olhar glacial.)* Não, estou a brincar, mas... hei de encontrar maneira de te retribuir o favor. Olha, no meu programa prometi aos ecologistas fechar algumas centrais nucleares antigas. Podíamos comprar-vos um pouco mais de carvão para compensar.

Boris – Logo se vê...

Manuel tira uma folha do bolso do casaco e estende-a a Boris.

Manuel – Olha, trouxe-te um projeto de acordo... Já estamos a falar de uma quantia considerável.

Boris não pega na folha e continua a olhar fixamente para Manuel.

Boris – Ainda é cedo para falar de negócios. Vejo isso mais tarde... Vodka?

Manuel – Vodka...? São nove da manhã, Boris... Não sei se é cedo demais para falar de negócios, mas para mim é cedo demais para beber este mata-ratos...

Boris lança-lhe um olhar frio.

Boris – É a melhor vodka que se encontra na Rússia.

Manuel – Está bem, vodka...

Enquanto Manuel volta a guardar o projeto de acordo no bolso, Boris tira a garrafa e dois copos e enche-os. Estende um a Manuel. Boris levanta o seu para brindar.

Boris – Za vaše zdoróvy!

Manuel também levanta o copo.

Manuel – À paz entre a Rússia e a Poldávia!

Boris – Isso mesmo... À vitória da Rússia!

Boris bebe a vodka de um trago. Manuel sente-se na obrigação de fazer o mesmo. Faz uma careta.

Manuel – Ah, sim, isto é... mais uma bebida de homens.

Boris – É uma bebida de russos... Outra?

Manuel – Não, acho melhor ficar por aqui... *(Boris lança-lhe um olhar sombrio.)* Está bem, mas esta é a última.

Boris volta a encher os copos e levanta novamente o seu.

Boris – À amizade franco-russa!

Os dois bebem a vodka de um trago.

Manuel – Pelo menos isto aquece. Porque é preciso reconhecer que no teu país não faz propriamente calor. Aqui dentro também não, aliás...

Boris – Há de fazer menos calor no vosso país quando vos cortarmos o gás.

Manuel fica por um instante sem saber como reagir.

Manuel – Bom, Boris... Vais invadir a Poldávia ou não?

Boris – A Poldávia não existe. Aquilo a que os poldavos chamam Poldávia sempre foi uma província russa. Como posso invadir um país que não existe? Quando o exército russo se desloca em território russo, isso não se chama invasão. Chamam-se manobras militares.

Manuel – É uma maneira de ver as coisas...

Boris – Quando o exército francês faz manobras na Alsácia-Lorena, vocês não chamam a isso uma invasão, pois não?

Manuel – Não... chamamos-lhe Primeira Guerra Mundial.

Boris – Porque consideram, e muito bem, que a Alsácia-Lorena faz parte da França. Para a Rússia é exatamente a mesma coisa com a Poldávia.

Manuel – Não vou entrar nessa discussão, Boris. Agora trata-se simplesmente de evitar que este conflito latente degenere numa guerra aberta. Pequim também considera Taiwan uma província chinesa. E, no entanto, a China nunca se arriscou a invadir Taiwan.

Boris – Porque os chineses são, antes de mais, um povo de comerciantes. Estão dispostos a vender ao desbarato uma parte do seu território só para evitar um conflito que seria mau para os negócios.

Manuel – Precisamente, já que falamos de negócios... Tens consciência de que, se o teu exército entrar na Poldávia, a comunidade internacional vai impor sanções concertadas à Rússia, não tens? Sanções muito severas...

Boris – Estou-me nas tintas para as vossas sanções. Tenho várias centenas de milhares de milhões escondidos em paraísos fiscais. Achas mesmo que me preocupa deixar de encontrar caviar na mercearia da esquina?

Manuel – Queres mesmo que a Rússia tenha o mesmo destino que o Irão, Boris? A economia do país está de rastos...

Boris – Os iranianos morrem de fome, mas o Irão continua governado por um aiatolá. Com as vossas sanções, quem sofre é o povo russo. E o povo russo, tal como o iraniano, quanto mais sofre, mais se considera vítima do Ocidente. E quanto mais se considera vítima do Ocidente, mais cegamente se põe nas mãos de quem governa.

Uma pausa.

Manuel – Sabes uma coisa? De certa maneira, até te invejo, Boris. Em França, basta a gasolina subir dez cêntimos para as pessoas saírem à rua, queimarem pneus nas rotundas e exigirem a demissão de quem ocupa a presidência.

Boris – Aqui não nos podemos dar ao luxo de queimar pneus. Já nos custa bastante encontrá-los para pôr os carros a andar.

Manuel – Há uma epidemia mortal, pagamos-lhes para ficarem em casa sem fazerem um corno, arranjamos-lhes uma vacina em menos de um ano, a vacina é gratuita... e começam a gritar que vivemos numa ditadura sanitária.

Boris – Uma ditadura sanitária...?

Manuel – Uma ditadura sanitária, sim... E nas eleições seguintes, para castigar quem consideram responsável por essa suposta ditadura, votam num candidato de extrema-direita que propõe instaurar um Estado policial.

Boris – A democracia é um sistema para crianças mimadas. Os cidadãos são crianças, e as crianças precisam de autoridade.

Manuel – Mesmo assim, as eleições aproximam-se e não sei se vou conseguir a reeleição. E se não conseguir, com todos os escândalos que trago às costas, ainda posso acabar na prisão por desvio de fundos públicos.

Boris – Estás a ver? Essa coisa da independência da justiça também tem as suas desvantagens...

Manuel – O problema é que eu não tenho centenas de milhares de milhões de dólares escondidos num paraíso fiscal, como tu. Quando muito, umas centenas de milhares de euros num cofre na Suíça...

Boris – Muito bem... E o que tenho eu exatamente a ver com isso?

Manuel – Sabes o que tens, Boris, mas não sabes o que te pode calhar... Mesmo que quem me suceder seja mais favorável à Rússia do que eu, de que te serve se levar a França à ruína e deixarmos de ter dinheiro para te comprar petróleo e gás?

Boris fica um instante a pensar.

Boris – Quantos é que concorrem contra ti?

Manuel – Uns dez...

Boris – Para que é que complicas as coisas, Manuel? Manda envenená-los...

Manuel – A todos?

Boris – Pelo menos os dois ou três rivais com mais hipóteses. Os outros deixas ficar, para manter uma aparência de democracia.

Manuel – Não posso fazer isso...

Boris – Então manda prendê-los e metê-los num campo de reeducação!

Manuel – Infelizmente, no nosso país as coisas não são assim tão simples. Antes de mandar alguém para a prisão, tem de haver um julgamento.

Boris – Aqui também.

Manuel – Não, estou a falar de um julgamento a sério, com juízes independentes... Em França, quem ocupa a presidência não pode mandar prender os principais adversários limitando-se a acusá-los de alta traição. *(Olha à sua volta.)* Já agora, onde é que estamos exatamente?

Boris – No Kremlin...

Manuel – Sim... mas a viagem de elevador até aqui pareceu-me interminável. Tive a sensação de estar a descer aos infernos... *(Levanta-se e percorre a sala.)* E, além disso, não há uma única janela... Onde estamos? Numa mina de carvão?

Boris – No meu bunker antinuclear.

Manuel – Desculpa?

Boris – Já deves imaginar que o Kremlin tem um bunker antinuclear. Não tens um no Eliseu?

Manuel – Claro, mas... quando vieste a França, recebi-te no Palácio de Versalhes. Porque é que me recebes num sítio destes?

Boris – Porque estamos a entrar numa situação de crise, Manuel. Uma situação que exige certas precauções...

Manuel – Ao ponto de receber aqui alguém que representa um Estado estrangeiro?

Uma pausa.

Boris – Enquanto estamos aqui a falar, as tropas russas acabam de atravessar a fronteira da Poldávia.

Manuel fica alguns instantes sem reagir. Boris pega na garrafa e mostra-lha.

Boris – Outra vodka?

Manuel – Andaste este tempo todo a gozar comigo, não foi?

Boris – Estamos apenas a recuperar o que nos pertence.

Manuel – Eu vim aqui para negociar.

Boris – Vieste aqui para garantir a tua reeleição.

Manuel – Seja como for, Boris, com esta guerra não vais fazer novos amigos... Já tinhas poucos, para além de mim... E do Gérard, claro...

Boris – Não estou na política para fazer amigos. Quero devolver à Rússia a grandeza de outros tempos.

Manuel – Isso não te vai levar a lado nenhum, acredita. Entre os que me precederam estão Carlos Magno, Luís XIV e Napoleão. Nós também tivemos os nossos momentos de glória. Houve uma época em que a França dominava a Europa. Quando não estava a invadir a Rússia...

Boris – Tiveram de bater em retirada, se bem me lembro.

Manuel – Precisamente. É preciso saber até onde se pode ir longe demais, Boris.

Boris – A Rússia não pode virar as costas à sua história.

Manuel – Talvez não, mas é preciso saber quando chega a altura de virar a página. É preciso encarar a realidade, Boris. A França já não é o que era. A Rússia também não. Já era tempo de tu também aceites isso...

Boris – A Rússia é o país mais extenso do mundo.

Manuel – E um dos países menos densamente povoados.

Boris – A Rússia é uma grande potência.

Manuel – Mas a Rússia tem um produto interno bruto semelhante ao de Espanha.

Boris – Temos petróleo e gás que o mundo inteiro nos quer comprar.

Manuel – Até ao dia em que possam ser substituídos por energias renováveis. Nessa altura, a Rússia não será mais do que um deserto. O maior deserto do planeta. E a natureza tem horror ao vazio...

Boris – Temos o segundo exército mais poderoso do mundo.

Manuel – E, no entanto, nem sequer consegues alimentar a tua população, pouco mais numerosa do que a do Japão, apesar de o Japão ser cinquenta vezes mais pequeno e praticamente não ter recursos naturais. E aos japoneses não lhes falta nada.

Boris – Se a nós nos falta tudo, é por causa das sanções que os Estados Unidos nos impõem.

Manuel – É sobretudo por causa dessa fuga para a frente militarista que andas há décadas a impor ao teu país, Boris. Já não tens meios à altura das tuas ambições...

Boris – Ainda temos armas nucleares.

Silêncio.

Manuel – Podemos ser um país pequeno, mas a França também tem armas nucleares, como sabes. Tal como outros países pequenos, como o Reino Unido ou Israel. E embora a nossa capacidade de dissuasão nuclear não seja comparável à vossa, seria mais do que suficiente para arrasar as principais cidades da Rússia. Para não falar dos nossos aliados, claro, entre eles os Estados Unidos, com quem temos um acordo de defesa mútua...

Boris – Está bem, os Estados Unidos têm o exército mais poderoso do mundo, mas esse exército é comandado por eunucos. Os norte-americanos não se vão atrever a mexer um dedo, como de costume. A Europa também não. E sabes porquê?

Manuel – Tanto faz, porque vais dizer-me na mesma.

Boris – Porque vocês têm demasiado a perder. O povo russo não tem nada a perder, a não ser o orgulho, e é aí que reside a sua força. Ao tentarem enfraquecer-nos, a única coisa que conseguiram foi reforçar a nossa determinação. Ao tentarem humilhar-nos, despertaram o nosso orgulho nacional.

Manuel – Porque aceitaste receber-me se já tinhas decidido invadir a Poldávia?

Boris – Sei que o Ocidente terá dificuldade em aceitar esta decisão. Digamos que precisava de falar sobre isso... com alguém de confiança.

Manuel – Já não tens ninguém com quem falar no teu próprio país?

Boris – Suponho que seja aquilo a que chamam a solidão do poder.

Manuel – E a poder absoluto, solidão absoluta...

Boris – Que queres que te diga... Apesar de tudo, gosto de França. Talvez por causa do que dizias há pouco. Vocês também sentem nostalgia de uma grandeza perdida... E custa-vos suportar a tutela condescendente do Tio Sam.

Manuel – Ainda não é tarde demais para a Rússia se aproximar da Europa. Podíamos unir forças para fazer frente ao imperialismo norte-americano.

Boris – Mas a Europa escolheu o seu lado há muito tempo.

Manuel – O nosso lado é o da democracia. E a Rússia não escolheu esse lado.

Boris – A democracia é um luxo que a Rússia não pode permitir-se se quiser sobreviver face aos Estados Unidos.

Manuel – Deixemos os Estados Unidos de lado por um momento, Boris. Em nome da Europa, peço-te formalmente que renuncies a este plano e dê ordem às tuas tropas para regressarem.

Boris – Não o farei, e sabes disso.

Manuel – Então já não tenho nada a fazer aqui.

Manuel faz menção de sair.

Boris – Espera... Eu também tenho uma prenda para ti.

Boris tira umas fotografias do bolso e estende-as a Manuel, que olha para elas.

Manuel – Mas que raio é isto?

Boris – Como podes ver, é uma fotografia da tua principal rival, nua num quarto de hotel no Quênia, com dois adónis africanos acabados de atingir a maioridade.

Manuel – Onde é que arranjaste isto?

Boris – De vez em quando, os serviços secretos russos também gostam de fazer safaris fotográficos no Quênia...

Manuel – E... o que queres que eu faça com isto?

Boris – Isso é contigo. Mas acho que, se amanhã esta fotografia aparecesse na primeira página de todos os jornais, a tua reeleição passava a ser pouco mais do que uma formalidade.

Manuel parece hesitar.

Manuel – Infelizmente, não é assim tão simples. Iam acusar-me de lhe ter montado uma armadilha. Iam falar numa conspiração. E, no fim, ainda acabavam por me culpar a mim...

Boris – Nesse caso, basta enviares-lhe diretamente estas fotografias. Vai perceber a mensagem e retirar a candidatura por iniciativa própria.

Manuel – Mesmo que eu aceitasse recorrer a este tipo de chantagem, os votos daquela cabra iam imediatamente para o terceiro candidato mais bem colocado nas sondagens... que é ainda pior do que ela.

Boris – Não te preocupes, também pensei nisso.

Boris tira outras fotografias do bolso e estende-as a Manuel, que olha para elas.

Manuel (*com horror*) – Mas que merda é esta?

Boris – O cadáver do teu terceiro candidato, que acaba de morrer há poucos minutos num estúpido acidente de viação.

Manuel – Diz-me que não é verdade! Diz-me que não foste tu!

Boris – Então não te digo.

Manuel volta a olhar para a fotografia.

Manuel – Diz-me que isto é uma fotomontagem!

Boris – Toda a gente conhecia a paixão dele por carros de grande cilindrada e a tendência para ultrapassar os limites. Sobretudo os limites de velocidade. Espatifou o Mercedes contra um pilar nos cais do Sena. Não te preocupes, não foi no túnel da Ponte de l'Alma...

Manuel – Perdeste completamente a cabeça, Boris.

Boris – Querias conseguir a reeleição, sim ou não? E eu prefiro que à frente de um grande país como a França esteja alguém em quem a Rússia possa confiar. Como tu dizes, mais vale um pássaro na mão do que dois a voar...

Manuel – Mas eu não te pedi nada disto!

Boris – Acabaste de me pedir ajuda para conseguires a reeleição!

Manuel – Mas não assassinando ou eliminando todos os outros candidatos à presidência!

Boris – Devias agradecer-me. Eu faço o trabalho sujo por ti e evito que tenhas de sujar as mãos... Se te der jeito, até podes pôr as culpas nos serviços secretos russos. Nesta altura, mais uma acusação, menos uma...

Manuel – Se não te importas, prefiro ir-me embora...

Boris – Vá lá... Não vais embora sem tomar o pequeno-almoço comigo! Seria um grave insulto à hospitalidade russa...

Manuel – Já tomei um café no avião... E tu... se me permites que te diga, tens cara de cadáver. Mais valia mandares retirar as tropas e ires dormir.

Boris – Não dormi a noite toda, é verdade.

Manuel – Porque estavas com dúvidas. E porque agora sabes que não tomaste a decisão certa.

Boris – A decisão já estava tomada há muito tempo. Não dormi porque passei a noite toda a dirigir as operações.

Manuel – Milhões de pessoas vão sofrer. Milhares vão morrer. Soldados. Civis. Até no teu próprio país. Porquê?

Boris – Por amor à pátria. Por amor à Rússia.

Manuel – E sobretudo para satisfazer o teu orgulho desmedido de déspota. Desculpa, mas tenho de voltar ao Eliseu para gerir esta crise com os nossos aliados. Para não falar do desaparecimento suspeito de um dos meus principais rivais nas eleições presidenciais... Adeus, Boris...

Sai. Boris permanece sentado, sempre impassível. Manuel volta a entrar.

Manuel – Podes pedir que me abram a porta? Está fechada...

Boris – Lamento, mas por enquanto não podes sair.

Manuel – Desculpa?

Boris – Acabei de te dizer que as nossas tropas estão a atravessar a fronteira da Poldávia. Quero conservar o efeito de surpresa mais uns minutos.

Manuel – Estás a tomar-me como refém? Estás a tomar como refém quem preside a um país membro da NATO?

Boris – Será só uma hora, no máximo. Aproveitemos para tomar o pequeno-almoço. Chá? Café?

Manuel tira o telemóvel.

Manuel – Isto é uma declaração de guerra, Boris... Vou ligar ao meu chefe de gabinete.

Carrega numa tecla, mas não acontece nada.

Boris – Também não podes telefonar. Este bunker está completamente isolado do resto do mundo. Para evitar ciberataques. Só comunicamos com o exterior através deste velho telefone vermelho. E com ele só podemos ligar para o serviço de quartos e para o meu chefe do Estado-Maior.

Manuel – Não podes estar a falar a sério, Boris... Diz-me que isto é uma brincadeira de mau gosto.

Boris – O sentido de humor não é propriamente aquilo que caracteriza os russos, como sabes. E muito menos quem os governa.

Manuel – Mas isto é ridículo. Nem os iranianos alguma vez se atreveram a fazer uma coisa destas! Não podes manter neste bunker quem preside a um grande país democrático e veio falar contigo com o único objetivo de evitar uma guerra fratricida.

Boris – Pelos vistos, posso. Porque é exatamente isso que estou a fazer.

Manuel – Mas o que é que pretendes? Usar-me como escudo humano em caso de guerra nuclear?

Boris – Não tinha pensado nisso, mas porque não?

Manuel – Além disso, seria dar-me demasiada importância. Acreditas mesmo que, se a Rússia decidisse lançar um ataque nuclear contra o Ocidente, a minha presença aqui impediria os Estados Unidos de responder atacando a Rússia?

Boris – Recordo-te que foste tu que pediste esta reunião.

Manuel – Se já sabias que ias invadir a Poldávia, podias tê-la recusado.

Boris – Digamos que... os acontecimentos se precipitaram um pouco.

Manuel volta a sentar-se.

Manuel – Muito bem. Então considero-me teu refém.

Boris – Eu prefiro dizer que estás aqui de visita.

Manuel – É a isso que chamas hospitalidade russa? Em França, quando recebemos alguém, deixamos a porta aberta para que possa sair quando quiser.

Uma pausa.

Boris – De certeza que não queres que mandemos servir o pequeno-almoço? Até há caviar.

Manuel – Não, não tenho fome.

Boris – Para dizer a verdade, eu também não.

Manuel – Pois apetite não te falta quando se trata de devorar os países vizinhos. No ano passado já anexaste a Soldávia. Mas desta vez queres comer mais do que consegues digerir, Boris. A Poldávia é um país grande, que aspira à democracia e quer aproximar-se da Europa. E é precisamente isso que não suportas, não é? O que te incomoda não é a Poldávia entrar na NATO, é escolher o lado da democracia.

Boris – A julgar pelos resultados das últimas eleições na Europa, parece que por lá já ninguém quer saber da democracia. Sem a minha ajuda, amanhã não conseguirás a reeleição e será alguém populista, de direita ou de esquerda, a entrar no Eliseu.

Manuel – As pessoas têm pouca memória, é verdade. Mas nós, pelo menos, não invadimos os países vizinhos para lhes impor o nosso ponto de vista.

Boris – A Poldávia é a Rússia. Vão receber-nos como libertadores.

Manuel – Já não tens ninguém à tua volta que se atreva a contrariar-te, Boris. Acabas por acreditar nas tuas próprias mentiras.

Boris – Até agora, toda a gente na Rússia está de acordo comigo.

Manuel – Se toda a gente está de acordo contigo, é porque toda a gente tem medo de ti. Em França ou nos Estados Unidos, quem ocupa a presidência também pode confundir os seus desejos com a realidade. Mas há sempre alguém que, mais cedo ou mais tarde, obriga quem está no poder a pôr os pés na terra. É uma das poucas vantagens da democracia.

Boris – Talvez, mas nas vossas democracias, de tanto tentarem não desagradar a ninguém, acabam por não tomar decisão nenhuma.

Manuel – Se isso nos evitar tomar decisões erradas... que só trariam desgraça para toda a gente.

Boris – É verdade, e assumo isso. Para nós, a procura da felicidade não pode ser o único programa de uma grande nação.

Manuel – Para nós, dizes tu? Acreditas mesmo que podes falar em nome de todos os russos?

Boris – Foram os russos que me puseram onde estou hoje. Está bem, não tinha nenhum rival a sério. Mas, mesmo assim, tive um apoio esmagador. Como o vosso general De Gaulle, noutros tempos...

Manuel – De Gaulle demitiu-se quando percebeu que tinha perdido o apoio do país. Tu serias capaz de fazer o mesmo?

Boris – Para já, tenho o apoio do povo.

Manuel – O povo... Para dizer a verdade, nunca percebi muito bem o que isso é. Os eleitores, sim, mas o povo... Seja o povo francês ou o russo...

Boris – O povo tem sempre razão.

Manuel – Porque se pode fazer o povo dizer o que quisermos... O povo não existe. É uma ficção inventada pelos populistas para conseguirem os votos de pessoas com interesses contraditórios. Cabe ao governo impor o interesse geral perante a soma de todos esses egoísmos, tentando manter uma certa coesão social.

Boris – Afinal, não pensas assim tão diferente de mim. Tudo é muito mais simples quando uma só pessoa decide por todos.

O telefone vermelho toca. Boris atende.

Boris – Da... Da... Da...

Desliga.

Manuel (*ironicamente*) – Boas notícias?

Boris – Excelentes... O nosso exército avança sem encontrar resistência significativa.

Manuel – Era exatamente o que Napoleão dizia quando invadiu a Rússia. E o que Brejnev dizia quando invadiu o Afeganistão. Convém não esquecer as lições da História, Boris.

Boris – A História: uns leem-na, outros escrevem-na. (*O telefone vermelho volta a tocar. Boris atende.*) Da... Da... Da...

Desliga.

Manuel – Serviço de quartos? Querem saber se vamos deixar o quarto livre antes do meio-dia?

Boris – O chefe do Estado-Maior. A intervenção militar russa na Poldávia já é do conhecimento público. E a NATO ameaça intervir diretamente se eu não retirar imediatamente as minhas tropas.

Manuel – Eu avisei-te. Era uma linha vermelha que não devias ter ultrapassado.

Boris – Estão a fazer bluff.

Manuel – Seja como for, já posso ir-me embora. Estavas a reter-me aqui para me impedir de avisar os nossos aliados do teu plano secreto. Agora que toda a gente sabe...

Levanta-se para sair.

Boris – Espera mais um pouco, se não te importas...

Manuel – E agora?

Boris – Podias ficar aqui para negociar, como querias ao princípio.

Manuel – Recordo-te que, entretanto, declaraste guerra ao mundo livre.

Boris – Querias negociar uma desescalada. Podias negociar um armistício.

Manuel – Como Pétain?

Boris – Há quem tenha recebido o Prémio Nobel da Paz por menos do que isso.

Manuel parece hesitar.

Manuel – O Prémio Nobel da Paz... Geralmente, é mais um enterro de primeira. E, entretanto, ainda podia acabar por perder a alma.

Boris – Se conseguires evitar uma guerra mundial... no teu país passarás a ser a pessoa que evitou a catástrofe. E terás a reeleição garantida. Sobretudo agora que já não tens rivais.

Manuel – Dois rivais a menos num só dia... Vão desconfiar que fui eu que mandei eliminá-los.

Boris – Não se regressares depois de teres salvo o mundo livre, como tu dizes.

Manuel – Seja como for, vai haver uma investigação.

Boris – Os serviços secretos russos nunca deixam rasto. Fica aqui e, se tudo correr bem, consegues a reeleição logo à primeira volta. Era isso que querias, não era?

Manuel hesita.

Manuel – Estás mesmo a dar-me a escolher?

Boris – Não.

Manuel – Nesse caso, negociemos... (*Volta a sentar-se.*) Também tencionas ignorar a ameaça de uma intervenção direta da Aliança Atlântica?

Boris – Não se vão atrever. A Poldávia não faz parte da NATO.

Manuel – Então o que esperas exatamente de mim?

Boris – Que sugiras à Europa que não se meta no meu conflito com os Estados Unidos.

Manuel – A Europa faz parte da NATO. Se os nossos aliados intervirem, nós também interviremos.

Boris – Se a NATO intervier, assumirá a responsabilidade de desencadear uma guerra mundial. Uma guerra total. Uma guerra nuclear.

Manuel – Queres mesmo arriscar-te a acabar com toda a forma de vida na Terra só para a Rússia recuperar a Poldávia? Isto não é uma partida de póquer, Boris. Estás a jogar com o destino do mundo.

Boris tira um revólver de uma gaveta.

Boris – Conheces este jogo, Manuel? Chama-se roleta russa. E, como o nome indica, foi inventado pelos russos.

Manuel – Diz-me que esse revólver não está carregado...

Boris – O tambor só tem uma bala.

Faz girar o tambor.

Manuel – Garanto-te que não acho graça nenhuma.

Boris – Pois é muito divertido, vais ver... Eu explico. Na roleta americana, quem acerta no número ganha trinta e seis vezes a aposta. Na roleta russa, se te calha a bala, rebentas com os miolos. Uma hipótese em seis de morreres. E, portanto, cinco em seis de te safares. Quando não se tem nada, só se pode apostar a própria vida... (*Boris faz girar o tambor e estende-lhe a arma.*) Queres jogar comigo? Se preferires, começa eu...

Manuel – Não te atreves...

Boris encosta o cano do revólver à têmpora. Momento de extrema tensão. Prime o gatilho. Não se ouve nenhum disparo.

Boris – Pronto. Ganhei o direito de continuar por cá. Agora é a tua vez...

Boris estende o revólver a Manuel.

Manuel – É um jogo de merda. E eu nunca disse que queria jogar.

Boris – Arrisquei a vida, Manuel. Agora já não tens escolha. É uma questão de honra...

Depois de hesitar por um instante, Manuel pega na arma. Vacila e, de repente, aponta-a a Boris.

Manuel – Uma hipótese em seis, disseste... não foi?

Boris – Até uma em cinco, porque eu já premi o gatilho uma vez. Mas estamos no Kremlin. Mesmo que tivesses essa sorte, não é nada certo que conseguisses sair daqui depois de matares quem preside à Rússia...

Manuel pousa o revólver sobre a mesa.

Manuel – Eu não sou capaz de matar ninguém...

Boris – Nunca mataste ninguém?

Manuel – Não.

Boris – Mas, tal como eu, também já deves ter provocado indiretamente a morte de alguém com as tuas decisões. Ao enviar uma força de intervenção para um país estrangeiro, por exemplo.

Manuel – Foi sempre para restabelecer a paz. Nunca para impor o meu poder pela força. E tu?

Boris – Eu?

Manuel – Alguma vez mataste alguém? Quero dizer... com as tuas próprias mãos.

Boris – Antes de chegar à presidência, passei muitos anos nos serviços secretos...

Uma pausa.

Manuel – Não tenho a menor dúvida de que essa arma não estava carregada. Estás a fazer bluff...

Boris – Se tens tanta certeza, porque não jogas?

Manuel – Digamos que... é um pouco como a aposta de Pascal. Acho que Deus não existe e que essa arma não está carregada, mas para quê correr um risco inútil só para o provar? Eu chamo a isso razão...

Boris pega no revólver e volta a guardá-lo na gaveta.

Boris – Eu chamo-lhe cobardia. A cobardia desse mundo ocidental decadente, à qual nós contrapomos a coragem que caracteriza a alma russa.

Manuel – Eu chamo-lhe inconsciência. E, além disso, tu jogas sobretudo com a vida dos outros... Essa arma não estava carregada...

Manuel pega no revólver para verificar, mas Boris impede-o.

Boris – Não, Manuel, isto não funciona assim... É como no póquer. Quando um dos jogadores desiste, o outro não tem de lhe mostrar as cartas.

Manuel – Como quiseses... E agora, o que fazemos?

Boris – A guerra é como o xadrez. Depois de se fazer uma jogada, é preciso esperar pela reação do adversário.

Manuel – Pensava que a guerra era como o póquer... Porque, lembro-te, no xadrez não se pode fazer bluff. Ganha quem tem mais força. Ou, pelo menos, quem joga melhor...

O telefone vermelho toca e Boris atende.

Boris – Da... Da... Da... Niet... Niet... Niet... (*Desliga.*) A NATO acaba de decretar uma zona de exclusão aérea sobre a Poldávia.

Manuel – Eu avisei-te... E o que vais fazer?

Boris – Vou partir do princípio de que estão a fazer bluff.

Manuel – O que é que isso quer dizer?

Boris – Que vou ignorar a proibição. Não se vão atrever a abater um avião russo.

Manuel – Mesmo no póquer, nunca convém confiar demasiado na fraqueza do adversário.

Boris – Vou correr o risco.

Manuel – E se abaterem um dos teus aviões?

Boris – Nesse caso, a Rússia entraria em guerra com os Estados Unidos.

Manuel – O exército russo não aguentaria três dias contra o exército norte-americano numa guerra convencional. Sabes isso perfeitamente.

Boris – Por isso seríamos obrigados a utilizar todas as armas ao nosso dispor.

Manuel – Incluindo armas nucleares?

Boris – Se nos obrigarem a isso...

Manuel – É uma guerra que ninguém ganharia. Mesmo que a Rússia atacasse primeiro, seria aniquilada logo a seguir.

Boris – É precisamente por isso que os Estados Unidos nunca se atreverão a abater um avião russo sobre a Poldávia.

Um silêncio opressivo.

Manuel – Tu também tens filhos. Serias capaz de os sacrificar na esperança absurda de satisfazer a tua megalomania?

Boris – A megalomania só é uma loucura quando não se consegue o que se pretende. Também há megalómanos que triunfam. Júlio César, Napoleão...

Manuel – Hitler... Mas a ele não correu propriamente bem. Queres mesmo passar à História como quem desencadeou a primeira e provavelmente última guerra nuclear mundial?

O telefone vermelho toca. Boris atende.

Boris – Da... Ah, olá, Gérard, como estás? Não... Não, de maneira nenhuma... Olha, vou ter de te explicar tudo isto e sei que vais compreender, mas agora não tenho tempo... Está bem, ligo-te depois. (*Desliga.*) Era o Gérard...

Manuel – O Gérard?

Boris – Aquele ator cuja filmografia completa acabaste de me oferecer.

Manuel – E então?

Boris – Não concorda com esta intervenção militar na Poldávia.

Manuel – Estás a ver... até os idiotas mudam de opinião de vez em quando...

O telefone volta a tocar. Boris atende.

Boris – Da... Da... Da... *(Uma pausa.)* Da...

Desliga com ar sombrio.

Manuel – Outra vez o Gérard?

Boris – O chefe do Estado-Maior.

Manuel – Más notícias?

Boris – O exército poldavo acaba de afundar um dos nossos porta-aviões ao largo da costa da Poldávia.

Manuel – Pensava que vos iam receber como libertadores...

Boris – Infelizmente... também há escravos que se recusam a ser libertados.

Manuel – E isto apesar de o exército poldavo estar muito longe de ser o segundo mais poderoso do mundo. Conseguir mandar ao fundo o vosso navio-almirante não vai fazer nada bem ao moral das vossas tropas, pois não?

Boris – Por isso não vamos deixá-los gabar-se dessa vitória. Vamos dizer que o navio se afundou devido a uma avaria.

Manuel – Um porta-aviões de propulsão nuclear que se afunda sozinho, sem ser sequer preciso lançar-lhe um ou dois mísseis... Não sei se isso vai tornar o vosso exército muito mais credível.

Boris – Dás-me licença por um instante?

Boris sai. Manuel fica por um momento sem saber o que pensar. Percorre a sala, como se procurasse uma saída. Depois volta à mesa, abre a gaveta, tira o revólver e abre o tambor para verificar se contém realmente uma bala. Mas o telefone vermelho começa a tocar. Manuel sobressalta-se e volta a guardar rapidamente o revólver na gaveta. O telefone continua a tocar. Hesita por um instante e acaba por atender.

Manuel – Da...? *(Uma pausa.)* Da, da... Da. *(Desliga com ar de satisfação.)* Não percebi absolutamente nada, mas sempre quis fazer isto...

Volta a sentar-se sem saber o que fazer. Boceja, deixando transparecer claramente o cansaço. Fecha os olhos e adormece por alguns instantes.

Ouve-se Russians, de Sting.

Boris regressa. Manuel acorda de sobressalto. A preocupação é visível no rosto de Boris.

Manuel – Podes dizer-me o que se está a passar?

Boris – Um dos nossos aviões acaba de ser abatido por um míssil norte-americano.

Manuel – E?

Uma pausa.

Boris – Ao que parece, acabo de autorizar um ataque nuclear contra o Havai.

Manuel – Ao que parece?

Boris – O chefe do Estado-Maior garante-me que dei a autorização por este telefone.

Manuel (*sem conseguir acreditar no que ouve*) – Não... pois não?

Boris – Enfim, agora que está feito, já é tarde demais para voltar atrás. Terei de assumir a responsabilidade.

Manuel – Um ataque nuclear contra o Havai?

Boris – Tens razão, podíamos ter escolhido Minneapolis ou Cincinnati. Mas prefiro que seja interpretado como um simples aviso. O Havai, ninguém leva muito a sério... Na pior das hipóteses, se deixar de existir, os norte-americanos vão passar férias em Cuba ou em Porto Rico.

Manuel – Mas ainda vais a tempo de revogar a ordem...

Boris – Infelizmente, não. Depois de lançado um míssil nuclear, já nada o pode deter. Além disso, é um míssil hipersónico que viaja a mais de seis mil quilómetros por hora. Foi lançado por um dos nossos submarinos em patrulha no Mar Negro. A esta hora já deve ter atingido o alvo...

Manuel – E qual achas que vai ser a reação dos Estados Unidos?

O telefone vermelho toca. Boris atende.

Boris – Da... Da... Da... (*Silêncio.*) Da... (*Desliga.*) Os Estados Unidos acabam de destruir Novosibirsk. Acabo de ordenar um ataque contra Chicago.

Manuel – Diz-me que não é verdade...

Boris – Se apanho o idiota que lançou aquele primeiro míssil contra o Havai... Não percebo... Disseram-me que a ordem foi dada por telefone a partir desta sala... (*Olha para Manuel com desconfiança.*) Tu não falas russo, pois não?

Manuel – Vim aqui para conseguir uma desescalada na fronteira entre a Rússia e a Poldávia... Porque haveria de imitar a tua voz para dar a ordem de desencadear uma guerra nuclear?

Silêncio. O telefone vermelho toca e Boris atende.

Boris – Da... Da... Da... (*Silêncio.*) Da... (*Desliga.*) O processo já é irreversível. Moscovo acaba de ser atacada. Em represália, vamos atacar Nova Iorque e Washington.

Manuel – Moscovo? Mas... não ouvimos nada.

Boris – Este bunker está enterrado a várias centenas de metros de profundidade.

Manuel – Isto é um pesadelo. Vou acordar...

Boris – Infelizmente, já ninguém pode travar esta reação em cadeia.

Manuel – Então é o fim do mundo...

Boris – O fim de um mundo, em todo o caso... Do mundo que conhecemos. Acho que preciso de um copo de vodka... *(Perante o espanto de Manuel, serve dois copos de vodka e estende-lhe um.)* Uma vodka?

Manuel pega no copo maquinalmente.

Manuel – Receio que, nesta altura, já não presidamos absolutamente a nada. *(Como em estado de choque, bebe o copo de um trago. Segue-se um longo silêncio.)* Como é que conseguimos chegar a este ponto?

Boris – Não sei... Acho que esta partida de póquer nos fugiu um pouco das mãos.

Manuel – Tudo isto para anexares mais um território, quando a Rússia já é o maior país do mundo. Bem... do que restar dela.

Boris – Seja como for, já não te estou a reter. Se quiseses ir embora...

Manuel – Ir embora? Para onde? Como? Se Moscovo acaba de ser atingida por uma bomba nuclear.

Boris – Tens razão. Então não nos resta alternativa senão passarmos tu e eu o resto dos nossos dias neste bunker.

Manuel – Pergunto-me se o inferno não seria mais suportável.

Longo silêncio.

Boris – E se tudo o que te contei fosse mentira?

Manuel – Estás a falar desta guerra nuclear?

Boris – E se eu nem sequer tivesse dado ordem às minhas tropas para atravessarem a fronteira da Poldávia?

Manuel – É isso?

Boris – Também não disse isso. Disse: e se...?

Manuel – Se isto é uma brincadeira, é de muito mau gosto...

Boris – Digamos que seria humor russo.

Manuel – E todas aquelas chamadas telefónicas?

Boris – Tu só me ouviste dizer *da* ou *niet*. Podiam simplesmente estar a informar-me dos assuntos correntes da Rússia. Ou a perguntar-me a que horas queria almoçar e se preferia os ovos estrelados ou passados por água.

Manuel – E as fotografias dos meus rivais nas eleições presidenciais?

Boris – Foste tu que o disseste. Podiam ser uma montagem...

Manuel – Muito bem. Então o que é suposto eu fazer?

Boris – Já te disse. Podes ir embora. Quando saíres, logo verás se o mundo ainda existe.

Manuel hesita por um instante.

Manuel – Adeus, Boris... Seja como for, não creio que voltemos a ver-nos.

Boris – Nunca se deve desafiar o destino, Manuel... Se lá fora já tiver chegado o inverno nuclear, podes sempre voltar. Tenho comida para vários séculos. Tenho vodka. E temos a filmografia completa do Gérard.

Manuel sai. O telefone vermelho toca. Boris atende.

Boris – Da...? Da...

Desliga, fica um instante a pensar, tira o revólver da gaveta e encosta o cano à têmpora. Prime o gatilho uma vez. Depois uma segunda. E uma terceira...

Escuro.

Manuel está diante de vários microfones de diferentes meios de comunicação social. Mal se mantém de pé.

Voz off – Como correu a sua reunião com quem ocupa a presidência russa? Conseguiu algum compromisso quanto a uma desescalada militar na fronteira entre a Rússia e a Poldávia?

Manuel parece à beira de desabar, mas esforça-se por responder mecanicamente, recorrendo à habitual linguagem diplomática.

Manuel – Bem... Mantive uma conversa cordial, mas franca, com quem ocupa a presidência russa. Abordámos todos os assuntos sem tabus. Expus a posição da França, que é também a da Europa, e a parte russa expôs-me, sem rodeios, a sua forma de ver as coisas. Foi, portanto, uma troca de pontos de vista intensa, mas construtiva. Por enquanto, não conseguimos conciliar as nossas posições, mas garantiram-me que a Rússia continua aberta ao diálogo. Agradeço a vossa atenção...

Com os Coros do Exército Vermelho em fundo, Manuel sai a cambalear, como quem acaba de levar uma tarefa no ringue e está prestes a perder os sentidos.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele Encontro na plataforma
EuroStar Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto No fim da linha
O Joker
O Roupão Os Náufragos do Costa
Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências Um pequeno passo
para uma mulher, um salto no vazio
para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa Crise e
Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem sentido proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-471-9

Documento para download gratuito